



O PAPEL DAS BAIANAS (ENTIDADES DO CANDOMBLÉ) NO CORTEJO DA FESTA DO BONFIM ASSOCIADO À PUBLICIDADE*

Zélia Jesus de Lima**

Introdução

A ideia de Bahia e\ou cultura baiana projetada por escritores e artistas locais, um mito secular, envolve a Cidade do Salvador e seu Recôncavo, sendo uma questão recorrente na mídia e no meio acadêmico. Nesse sentido, faz parte do engendramento do mito da *Cidade da Bahia*, entre outras características, a disseminação de uma imagem paradisíaca da terra de Gregório de Matos.

Gilberto Freire, em *Casa Grande e Senzala*¹, um dos primeiros sociólogos a abordar a ideia de Bahia e\ou cultura baiana, o fez associando o ideário à África. O autor defende uma “*Bahia de Todos os Santos e de quase todos os pecados*”, e uma Bahia, matriz da cultura brasileira, *locus* da mestiçagem, sensualidade, religiosidade e cozinha tradicional. Essa abordagem está presente em sua teoria da mestiçagem, na qual define a Bahia como um lugar que está sempre em festa, em sua maioria de caráter religioso.

Tem sido na cozinha tradicional que a baiana, mulher negra\cozinheira, filha ou mãe-de-santo dos terreiros de Candomblé desempenha função importante, até mesmo depois da abolição da escravatura no Brasil. A baiana tanto prepara os pratos da gastronomia tradicional, contribuindo para a inserção de elementos das culturas africana e nativa, especialmente o azeite de dendê, quanto cuida da comida dos orixás do Candomblé, ainda que às escondidas, o que aos poucos acabou por popularizar seu papel no imaginário nacional. No entanto, a gastronomia do dendê, conforme Raul Lody², não significa apenas o preparo de uma simples receita com cheiro e sabor agradáveis. “*A alimentação pública e comum nos terreiros constitui, além do elo socializante, uma expressão marcadamente de preceitos religiosos, por considerar a cozinha um espaço de culto tão significativo como o peji*”. Por sua vez, Manuel Querino³ complementa: a comida de santo, mesmo a comida feita com dendê, caracteriza-se pela disciplina do rito, pelos vasos e instrumentos

* Este artigo é uma vertente da minha pesquisa destinada a tese de doutorado em construção.

** Doutoranda em História Social na PUC\SP; Professora da Universidade Católica do Salvador e pesquisadora do Núcleo de História, Arte e Mídia da PUC\SP coordenado pela Profa. Dra. Yvone Dias Avelino.
E-mail: zeliajl@terra.com.br.

¹ FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande e Senzala*: Formação da Família Brasileira sob o regime de Economia Patriarcal. 13. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1966. v. I p. 12, 17, 59, 109, 144, 326-327; v. II p. 405, 432, 445, 645 e 669.

² LODY, Raul. *Santo também come*. Rio de Janeiro: Pallas, 1998, p. 11-13.

³ QUERINO, Manuel. *A raça africana e os seus costumes*. v. 9. Salvador: Livraria Progresso, 1955 (Coleção de Estudos Brasileiros \ Série Cruzeiro). p.52-54, 60.



utilizados que representam mistérios sagrados. Nesse sentido, a comida tem o efeito de perdoar as más ações praticadas durante o ano.

Jorge Amado, em *Baía de Todos os Santos*⁴, torna-se ele próprio um guia da cidade e de sua cultura. A Cidade do Salvador simboliza a paisagem marítima, o cotidiano marcado pelas vozes barulhentas dos negros e negras vendedores de ‘produtos da mesa’, a pobreza que atinge boa parte dos nativos, as festas religiosas, como a do Senhor do Bonfim, os cultos afro-brasileiros, os batuques e a capoeira, que dão suporte a um lugar imaginário. Nesta e em outras obras, Amado refere-se à *Cidade da Bahia* e enfatiza as práticas das baianas (mulheres negras) ligadas aos terreiros de Candomblé, assim como a beleza, sensualidade e lascívia das mulatas, como as que aparecem em *Dona Flor e seus Dois Maridos*⁵. A metodologia imprimida pelo autor sobre a cidade imaginária é uma espécie de propaganda subliminar que seduz o público leitor, e especialmente o turista, para visitar um lugar privilegiado.

Dorival Caymmi, em trechos da canção “Bahia com H”, revela o encantamento pela terra ‘gostosa’, conforme se lê:

Dá licença, dá licença meu Senhô
Dá licença, dá licença pra yôyo
Eu sou amante da gostosa Bahia, porém pra saber seus segredos serei baiano também
Deixa ver, teus sobrados, igrejas, teus santos, ladeiras e montes tal qual um postal
Dá licença de rezar pra o Senhor do Bonfim
Salve a santa Bahia imortal, Bahia dos sonhos mil,
Eu fico contente da vida em saber que a Bahia é o Brasil⁶

Observa-se ainda, que o autor pede licença ao Senhor do Bonfim para rezar na igreja do santo mais querido dos baianos, e se sente orgulhoso de a Bahia escrita com “H” fazer parte do Brasil. O antropólogo e fotógrafo francês Pierre Verger, especialista em cultura afro-brasileira, e o artista plástico argentino Hector Julio Paride Bernabó (mais conhecido como Caribé) são referência na produção e captação de imagens (fotografia e pintura) que revelam um fascínio pela história, beleza e sensualidade da ‘Bahia imaginada’ ou cultura baiana⁷.

Os pronunciamentos desses autores até então ajudam na compreensão do papel da baiana associada à propaganda, contudo, eles não representam o objeto de estudo, nem o mito da cidade é exclusivo da Bahia, pois outro mito aparece no corpo desse artigo.

⁴ AMADO, Jorge. *Bahia de Todos os Santos: guia de ruas e mistérios*. 27. ed. Rio de Janeiro: Record, 1977, p. 20 e ss.

⁵ Idem. *Dona Flor e seus Dois Maridos*. 48. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

⁶ CAYMMI, Stella. *Dorival Caymmi: o mar e o tempo*. São Paulo: Editora 34, 2001, p. 27-28 e, 135-137.

⁷ VERGER, Pierre. *50 ans de photographie de presse*. Paris: Bibliotheque Historique da la Ville de Paris, 1990, p.21-27.



O papel da baiana no Cortejo da festa do Senhor do Bonfim

O papel da baiana (terreiro de candomblé), agente social do Cortejo da festa Senhor do Bonfim, perpassa o discurso do mito da cidade com outros desdobramentos. Tentamos, então, abordar os vetores influentes na construção da imagem da mulher negra afrodescendente, que sempre deu vida ao Cortejo, mas que na contemporaneidade foi apropriada por agentes da mídia visando a outros interesses.

Começamos pela cidade. Falar de cidade é entendê-la como uma construção histórica, fruto da experiência e/ou vivência dos indivíduos e coletividades. A partir do século XVIII, as cidades modernas começam a se expandir e a configurar sua própria vida política, cultural e social, estando presente de várias maneiras na realidade das pessoas. Raymond Williams⁸ a vê como um lugar compartilhado pela sociedade, onde se identificam as diferenças, a liberdade, os conflitos e interesses, enquanto que Sandra Jatahy Pesavento⁹ a interpreta como um sonho, progresso, modernidade, desafio e mudança. Neste estudo, Pasavento dialoga com autores franceses sobre o “mito parisiense”. Paris é uma cidade com características econômicas e sociais que, por si só, não cabe na linguagem urbana, mas, ao serem identificadas suas marcas, muito se revela. Na apreensão destas características, a autora percebe o descompasso social entre a modernidade urbana e a vida no campo:

[...] ao conferir uma identidade urbana, Paris – capital do mundo, cidade-luz, metrópole, etc. – o escritor, tal como os pintores impressionistas, reinventa o campo. Neste sentido, a representação tem pouco a ver com o real concreto que canaliza a população para a capital francesa. No plano imaginário, a inovação do campo dá-se por contraste à afirmação do lado pecador e cínico do urbano. Paris corrompe, ou pelo menos dá margem à expansão daqueles que, saídos da província, estão dispostos a conquistar a capital a qualquer custo.

A imagem de cidade em Charles Baudelaire é, ao mesmo tempo, de encantamento e de movimento. No século XIX, ao abordar a cidade de Paris, o poeta mostra que estava do lado dos rebeldes da Revolução de Fevereiro (1848). Contudo, em seu poema “Cisne” (*Le Cygne*), nota-se um desencanto, no que se refere ao aprofundamento da desigualdade social provocada pelos efeitos dessa revolução. De um lado, a revolução proclamava os ideais de “igualdade universal e abolição da escravatura”. Do outro, constatou-se que os prisioneiros políticos eram obrigados embarcar para a África, enquanto que os negros\escravos faziam um caminho inverso – saíam das colônias para a metrópole francesa como mão-de-obra barata, conforme se observa:

[...] Um cisne que escapava enfim ao cativoiro
E, nas ásperas lajes os seus pés ferindo,
As alvas plumas arrastavam ao sol grosseiro.

⁸ WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade na história e na literatura*. Tradução de Paulo Henrique. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 270.

⁹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano*. 2. ed. Paris; Rio de Janeiro; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002, p. 133-135.



Junto a um regato seco, a ave, o bico abrindo,
No pó banhava as asas cheias de aflição,
E dizia, a evocar o seu lago natal:
Água, quando cairás?
Quando o trovão soar?
Eu vejo esse infeliz, mito estranho e fatal.
Tal qual homem de Ovídio, às vezes num impulso
Erguer-se para o céu cruelmente azul irônico,
A cabeça a emergir do pescoço convulso,
Como se Deus lançasse um desafio agônico!¹⁰

A mesma preocupação de Charles Baudelaire com os efeitos da Revolução, visto nesse poema, está presente também em Marx¹¹, que afirma: “*a República Parlamentar na França, juntamente com a burguesia, que se coloca em fuga, se vangloria com uma arrogância dupla: goza a vida em toda a sua plenitude [...] e ‘se rebela contra o domínio do proletariado trabalhador’*”.

Ao contrário de Paris, a Cidade do Salvador não surgiu de uma construção histórica, foi planejada pelo Governo Português para fins transnacionais. Cidade portuária, Salvador, sede político-administrativa colonial, viveu ‘os bons ventos’ do modelo agrário exportador, mas, ao perder o status de sede (século XVIII), conheceu, no século seguinte, o isolamento cultural pelo desprestígio das práticas políticas que se configuravam no conjunto nacional. Nas primeiras décadas do século XX, a Cidade da Bahia acenou para um esboço fabril. Conforme Antonio Risério¹², o governo Joaquim José Seabra (1920-1924) empreendeu uma propaganda sobre a Cidade da Bahia, dando-lhe uma roupagem de metrópole moderna: *inferno da atividade humana, que se eletriza, cinemiza e automobiliza*. No entanto, quanto mais a Cidade da ‘Bahia’ conhecia inovações, mais a visão do tradicionalismo dificultava o avanço das estruturas políticas institucionais. Parecia existir uma aura mítica sobre a Cidade da Bahia ‘a boa terra’, cidade que vivia os tempos modernos presa ao *modus vivendi* de Província.

Durante os anos de 1930-1935, a Cidade do Salvador teve como governador\interventor Juracy Magalhães, que apoiou e incentivou as atividades agropecuárias e da indústria. No plano cultural, Magalhães autorizou os afro-descendentes a se apresentarem publicamente, a exemplo da capoeira e do candomblé, sem o controle da Secretaria de Segurança Pública, como até então ocorria. Foi ainda longamente discutida a presença de baianas, filhas e mães-de-santo dos terreiros de Candomblé, na Lavagem da Igreja do Bonfim, tradição que teve início no século XVIII¹³. A Igreja Católica Romana, desde o final do século XIX, sentia-se incomodada com a presença das baianas no interior de um templo sagrado e, nesse ínterim, negociava com os agentes da cultura

¹⁰ BAUDELAIRE, Charles. *As Flores do Mal*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 327.

¹¹ MARX, K. *Classes Sociais e Bonapartismo*. In: IANNI, Octavio. (Org.); FERNANDES, Florestan (Coord.). *Marx*. São Paulo: Ática, 1992, p. 110 (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

¹² RISÉRIO, Antonio. *Caymmi, uma utopia de lugar*. São Paulo: Perspectiva; Salvador: COPENE, 1993, p. 59-125 (Coleção Debates).

¹³ BACELAR, Jeferson. *A hierarquia das raças: negros e brancos em Salvador*. Rio de Janeiro: Pallas, 2001, p. 129.



negra uma permissão limitada. Posteriormente, na transição do governo de Juracy Magalhães para o de Otávio Mangabeira, um grupo de baianas apoiado por jornalistas, escritores e pessoas influentes na vida política, tentou negociar com os representantes da Igreja Católica Romana a permissão para participar da tradição da Lavagem. Mesmo com a escassez de fontes que corroborem o resultado dessas negociações, o fato é que o Cortejo da festa foi criado e se mantém até os dias atuais¹⁴. A procissão se reúne tradicionalmente nas imediações da Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Praia, no bairro do Comércio, e se desloca até a Colina Sagrada do Bonfim. Trata-se de uma festa pública que conta com a presença de vários setores da sociedade, especialmente um número crescente de baianas, que se posicionam em lugar privilegiado do Cortejo¹⁵.

Percebe-se, portanto, que, mesmo com a tentativa de proscrição por parte da Igreja Católica, que queria se ver livre de qualquer traço do Candomblé, o apoio dado às baianas pelos representantes de vários segmentos da sociedade expressa o processo de aceitação gradual e a apropriação das culturas ou práticas africanas que vieram a caracterizar a sociedade soteropolitana, fazendo com que, já nesta época, a imagem das baianas aparecesse na mídia impressa.

A partir dos anos 1950, a cidade do Salvador passou por um acelerado processo de modernização, tendo sido marcos importantes a instalação da refinaria Landulfo Alves, a construção da usina hidrelétrica de Paulo Afonso e da rodovia Rio-Bahia, e os aumentos dos *royalties* da Petrobrás e incentivos fiscais carreados para a indústria. No plano cultural, destacam-se a implantação da Universidade Federal da Bahia que, além de criar novas faculdades, reúne algumas já existentes, como a Faculdade de Medicina, e a reforma do Teatro Castro Alves. Nos anos 1960, o crescimento econômico acelerou com a criação do centro industrial de Aratu (cimento, metalúrgicas) e a promoção da agricultura na bacia do São Francisco, posteriormente fomentada pela Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco (Codevasf). No plano cultural e artístico, surgem o movimento Tropicália e o Cinema Novo, revelando as práticas de uma geração de artistas mais engajada politicamente. No setor das comunicações, a Televisão mostra ao vivo a notícia, como as imagens da festa do Senhor do Bonfim e do Cortejo das baianas¹⁶.

O processo de modernização aprofunda-se durante o Governo de Antonio Carlos Magalhães com a instalação do pólo petroquímico de Camaçari (inaugurado em 1978). Registram-se também o aumento da população, a criação das avenidas de vale e o desenvolvimento do turismo e a chegada

¹⁴ BUTLER, Kim. *Freedoms given, freedoms won*. Afro-Brazilians in post-abolition. São Paulo; Salvador; New Brunswick: Rutgers University Press, 1998, p.168-189.

¹⁵ ZWEIG, Stefan. Lavagem do Bonfim. *Diário de Notícias*, Salvador, 16 de janeiro de 1947, p. 01.

¹⁶ BUENO, Uziel. *TV Aratu 35 Anos: A Imagem da Televisão Baiana*. 2004. 24 f. Memorial (Projeto Experimental de conclusão da habilitação em Jornalismo) - Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador.



da TV a cores¹⁷. Esse governador contribuiu para aumentar o número de baianas no Cortejo, sendo que ele mesmo fazia parte da caminhada juntamente com as baianas, cumprimentando seus eleitores. Na oportunidade, instalou-se em Salvador o II Congresso Afro-Brasileiro, no qual a União de Cultos Afro-Brasileiros procurou regular e controlar abusos na Comunidade do Candomblé, e incitou o reconhecimento dos direitos legais das práticas religiosas e culturais, evento esse que ainda reflete no papel desempenhado pela baiana no Candomblé.

No período entre 1980 e meados dos anos 1990, a economia baiana viveu um processo de desaceleração provocado pelo segundo choque do petróleo, sobretudo pela crise da dívida externa brasileira e pelas dificuldades enfrentadas no que se refere ao controle inflacionário e ao ajuste fiscal. Sobre esta situação, Simone Uderman¹⁸ afirma que as preocupações do Governo Federal com as desigualdades regionais eram poucas, e que a atenção do Estado se deslocava, subordinando os planos de desenvolvimento e os esforços de industrialização aos objetivos mais imediatos de estabilização de preços e ajuste das contas públicas. Por outro lado, nesse mesmo período de 1980 a 1990, a indústria turística (Turismo e Lazer) na Bahia se apresentou como força motriz do crescimento econômico do Estado, explorando aspectos históricos, culturais e naturais, transformando-se em um setor importante da economia soteropolitana. Ou seja, no campo do Lazer ou Entretenimento (Carnaval e Música), a Bahia se consagrou como o ponto máximo do lúdico, das festas, do bem viver, destacando-se nesse contexto a presença da cultura afro-baiana. Esta consagração contou com um dado importante, as práticas das agências de publicidade, que divulgaram internacionalmente imagens da cidade do Salvador, dando suporte aos objetivos da Indústria¹⁹.

A Secretaria de Cultura e Turismo do Estado da Bahia, em 2007, homenageou as baianas de acarajé com a Ordem do Mérito Cultural. Antes, porém (2003-2005), a entidade patrocinou um curso de atualização e qualidade para 129 baianas, ministrado pelo SENAC, além de ter apoiado a criação da Associação de Baianas Vendedoras de Acarajé e de Mingau – ABAM²⁰. O modo de preparar e vender o acarajé, assim como a exposição dos produtos no tabuleiro, já sofreram diversas

¹⁷ MATOS, José Batista Freitas. *ACM: o mito*. Rio de Janeiro: RGB, 2001.

¹⁸ *Apud* LIMA, Carmen Lúcia; CAVALCANTE, Ricardo; MACEDO, Walter. *Indústria de Transformação Plástica na Bahia*. Salvador: Agência de Fomento do Estado da Bahia – Desenbahia, 2002. Disponível em: <http://www.desenbahia.ba.gov.br/recursos/news/video/{2E3A41A8-6DE6-472F-B29D-0AC36986647E}_transformacao_plastica.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2010.

¹⁹ OLIVEIRA, Orlando José Ribeiro de. *Turismo, cultura e meio ambiente: estudo de caso da Lagoa do Abaeté em Salvador - Bahia*. 2009. 136 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) - Universidade de Brasília, Brasília, 2009. p. 10 e 29. Disponível em: <<http://www.dc.mre.gov.br/imagens-e-textos/revista-textos-do-brasil/portugues/revista13-mat16.pdf>>. Acesso em 26 jun. 2010.

²⁰ AGÊNCIA SAÚDE. *Anvisa ajuda baianas a melhorar qualidade do acarajé*. Brasília, ANVISA, 03 de maio de 2002. Disponível em: <<http://www.anvisa.gov.br/divulga/noticias/2002/030502.htm>>. Acesso em 26 jun. 2010.



alterações, constatando-se, entre elas, a presença da baiana não-negra (etnia “branca”), e a do filho-de-santo (gênero masculino) no mercado simbólico:

Os tabuleiros de muitas baianas soteropolitanas se sofisticaram, aparecem revestidos por paredes de vidro, exibindo panelas de alumínio junto às colheres de pau. O acarajé, o principal atrativo no tabuleiro, é um bolinho característico do candomblé. Acarajé é uma palavra composta da língua ioruba: “acará” (bola de fogo) e “jé” (comer), ou seja, “comer bola de fogo”. A origem é explicada por um mito sobre a relação de Xangô com suas esposas, Oxum e Iansã. O bolinho se tornou, assim, uma oferenda a esses orixás²¹.



Figura 1: Baiana de etnia branca – destaque para a indumentária e as panelas de alumínio, Salvador, 2010.

Fonte:

Nesse contexto histórico-cultural das últimas décadas do século XX, o Cortejo e a Lavagem do Bonfim adquirem novas feições, e o papel desempenhado pela baiana torna-se uma via de mão dupla: a dos representantes dos terreiros de Candomblé, que no passado influíram na conquista de uma negociação do conflito entre a Igreja Católica e a religião afro-brasileira, contribuindo para o surgimento do Cortejo da festa; e a da manobra dos agentes públicos (turismo, restaurante, agentes de viagens etc.) que articulam as práticas culturais das baianas com a dos nativos-consumidores e não-nativos voltados para uma cultura baiana hegemônica associada à cultura negra e à indústria do Turismo (Lazer\Entretenimento). O papel da baiana, nesse sentido, torna-se simbólico e se vincula com a mídia, em particular com a propaganda.

A relação entre anúncios e imaginário em Délio Pinheiro e Maria Auxiliadora Silva e Elizabeth Morais Gonçalves

O imaginário na obra de Délio Pinheiro e Maria Auxiliadora Silva²² significa um exercício de percepção espacial centrado na literatura. O imaginário favorece a construção abstrata de um lugar entendido como categoria de estudo associada à noção de cidade. Um lugar-cidade é um texto não-verbal que requer um cruzamento de leituras e de experiências para o deciframento dos detalhes

²¹ CANTARINO, Carolina. Baianas de Acarajé: uma história de resistência. *Patrimônio - Revista Eletrônica do IPHAN*, p. 117-121. Disponível em: <http://www.dc.mre.gov.br/imagens-e-textos/revista13-mat16.pdf/at_download/file>. Acesso em 26 jun. 2010.

²² PINHEIRO, Delio José Ferraz; SILVA, Maria Auxiliadora da (Orgs). *Visões imaginárias da cidade da Bahia: diálogos entre a geografia e a literatura*. Salvador: EDUFBA. 2004, p. 21-28; 62-64.



e mistérios. As experiências do lugar favorecem uma leitura diferenciada de cidade – a do escritor e a do leitor –, na produção de uma nova cidade – Salvador-Bahia –, nas últimas décadas do século XX.

A Bahia e a baiana são tomadas como objeto de estudo e sujeito da pesquisa. O que distingue a Cidade da Bahia no século XVIII (quando surgiu a tradição da Lavagem do Bonfim e as práticas das mulheres baianas, filhas ou mães-de-santo, vinculadas a esta tradição), da Cidade do Salvador das últimas décadas do século XX, quando a baiana passa a desempenhar um papel simbólico, é o lugar: o dos símbolos e significados históricos e culturais, o da inserção no contexto mundial, o das funções da Cidade (Alta\Baixa e portuária) e seu entorno, e dos problemas do crescimento econômico, social e populacional.

Enquanto isso, o espaço é um símbolo comum de liberdade, aberto à mudança, à mídia.

O anúncio, na visão de Gonçalves²³ passa pelo poder de um tripé – palavra, imagem e veículo de comunicação. O valor comunicacional da propaganda é reconhecido quando se enfatiza a força dos slogans, o que também ocorre com o anúncio, mas depende de sua vinculação com a mídia moderna. O avanço tecnológico cria um novo receptor com características diferentes: a interatividade é a palavra de ordem na contemporaneidade. Nesse contexto de evolução ou de revolução tecnológica, a palavra se articula com a linguagem do computador e envolve três tópicos: estrutura do texto, conteúdo e estética. Os anúncios, então, são elaborados de forma diferenciada, a partir da montagem desses três recursos.

A imagem das baianas do Cortejo da Festa do Bonfim como anúncio caracteriza-se pela prática da montagem. Neste sentido, ao estudar a propaganda como fonte histórica, cabe ao pesquisador a tarefa de desvendar o real como referência, observando a questão da interatividade e da montagem dos modelos para compreender as vertentes da História Social, ressaltando as práticas da mulher sob a perspectiva do gênero.

Enfim, entender o papel das baianas no Cortejo da Festa do Bonfim através dos anúncios é assimilar linguagens que articulam o cotidiano e a mídia, contribuindo para um novo olhar das práticas culturais desses agentes na história da Festa do Bonfim.

Referências

AGÊNCIA SAÚDE. *Anvisa ajuda baianas a melhorar qualidade do acarajé*. Brasília, ANVISA, 03 de maio de 2002. Disponível em: <<http://www.anvisa.gov.br/divulga/noticias/2002/030502.htm>>. Acesso em 26 jun. 2010.

²³ GONÇALVES, Elizabeth Moraes. *Propaganda & Linguagem: análise e evolução*. São Bernardo do Campo-SP: Universidade Metodista de São Paulo, 2006, p. 27-30 e 52-54.



- AMADO, Jorge. *Dona Flor e seus Dois Maridos*. 48. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- _____. *Bahia de Todos os Santos: guia de ruas e mistérios*. 27. ed. Rio de Janeiro: Record, 1977.
- BACELAR, Jeferson. *A hierarquia das raças: negros e brancos em Salvador*. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.
- BAUDELAIRE, Charles. *As Flores do Mal*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BUENO, Uziel. *TV Aratu 35 Anos: A Imagem da Televisão Baiana*. 2004. 24 f. Memorial (Projeto Experimental de conclusão da habilitação em Jornalismo) - Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- BUTLER, Kim. *Freedoms given, freedoms won. Afro-Brazilians in post-abolition*. São Paulo; Salvador; New Brunswick: Rutgers University Press, 1998.
- CANTARINO, Carolina. Baianas de Acarajé: uma história de resistência. *Patrimônio - Revista Eletrônica do IPHAN*, p. 117-121. Disponível em: <http://www.dc.mre.gov.br/imagens-e-textos/revista13-mat16.pdf/at_download/file>. Acesso em 26 jun. 2010.
- CAYMMI, Stella. *Dorival Caymmi: o mar e o tempo*. São Paulo: Editora 34, 2001.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande e Senzala: Formação da Família Brasileira sob o regime de Economia Patriarcal*. 13. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1966.
- GONÇALVES, Elizabeth Moraes. *Propaganda & Linguagem: análise e evolução*. São Bernardo do Campo-SP: Universidade Metodista de São Paulo, 2006.
- LIMA, Carmen Lúcia; CAVALCANTE, Ricardo; MACEDO, Walter. *Indústria de Transformação Plástica na Bahia*. Salvador: Agência de Fomento do Estado da Bahia – Desenbahia, 2002. Disponível em: <http://www.desenbahia.ba.gov.br/recursos/news/video/{2E3A41A8-6DE6-472F-B29D-0AC36986647E}_transformacao_plastica.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2010.
- LODY, Raul. *Santo também come*. Rio de Janeiro: Pallas, 1998.
- MARX, K. Classes Sociais e Bonapartismo. In: IANNI, Octavio. (Org.); FERNANDES, Florestan (Coord.). *Marx*. São Paulo: Ática, 1992 (Coleção Grandes Cientistas Sociais).
- MATOS, José Batista Freitas. *ACM: o mito*. Rio de Janeiro: RGB, 2001.
- OLIVEIRA, Orlando José Ribeiro de. *Turismo, cultura e meio ambiente: estudo de caso da Lagoa do Abaeté em Salvador - Bahia*. 2009. 136 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) - Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em: <<http://www.dc.mre.gov.br/imagens-e-textos/revista-textos-do-brasil/portugues/revista13-mat16.pdf>>. Acesso em 26 jun. 2010.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano*. 2. ed. Paris; Rio de Janeiro; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.
- PINHEIRO, Delio José Ferraz; SILVA, Maria Auxiliadora da (Orgs). *Visões imaginárias da cidade da Bahia: diálogos entre a geografia e a literatura*. Salvador: EDUFBA. 2004.
- QUERINO, Manuel. *A raça africana e os seus costumes*. v. 9. Salvador: Livraria Progresso, 1955 (Coleção de Estudos Brasileiros \ Série Cruzeiro).



RISÉRIO, Antonio. *Caymmi, uma utopia de lugar*. São Paulo: Perspectiva; Salvador: COPENE, 1993 (Coleção Debates).

VERGER, Pierre. *50 ans de photographie de presse*. Paris: Bibliotheque Historique da la Ville de Paris, 1990.

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade na história e na literatura*. Tradução de Paulo Henrique. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ZWEIG, Stefan. Lavagem do Bonfim. *Diário de Notícias*, Salvador, 16 de janeiro de 1947, p. 01.